



SEÇÃO: O CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO DE AUTORIA FEMININA

## Masculinidades negras no espelho: reflexões sobre os contos “Afrodisíaco” e “Memórias”, de Cristiane Sobral

*Black masculinities in the mirror: reflections on the short stories “Afrodisíaco” and “Memórias”, by Cristiane Sobral*

*Masculinidad des negras en el espejo: reflexiones sobre los cuentos “Afrodisíaco” y “Memórias”, de Cristiane Sobral*

**Roberta da Silva Calixto dos Santos<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-5423-1811](https://orcid.org/0000-0002-5423-1811)  
[robertasc.santos@gmail.com](mailto:robertasc.santos@gmail.com)

**Yago Jose Eloi do Nascimento<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0003-2529-2583](https://orcid.org/0000-0003-2529-2583)  
[yagog3eloy@gmail.com](mailto:yagog3eloy@gmail.com)

**Luciana de Mesquita Silva<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0002-5239-8079](https://orcid.org/0000-0002-5239-8079)  
[luciana.cefetrj@gmail.com](mailto:luciana.cefetrj@gmail.com)

**Recebido em:** 15 fev. 2021.  
**Aprovado em:** 22 jun. 2021.  
**Publicado em:** 9 nov. 2021.

**Resumo:** Em tempos recentes, a literatura negra de autoria feminina tem ganhado proeminência social e se mostrado uma referência quando se trata de questionar as estruturas hegemônicas brancas, patriarcais e LGBTQIfóbicas tanto no campo literário, por meio de diferentes temáticas, perspectivas e estilos, quanto na sociedade como um todo. Dentre as diversas questões que ganham evidência nessas escritas está a construção de masculinidades negras. Neste artigo, analisamos dois contos de Cristiane Sobral publicados na obra *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção* (2011): “Afrodisíaco” e “Memórias”. Nosso objetivo é verificar de que forma estes contribuem para debates contra-hegemônicos ao desestabilizarem visões estereotipadas sobre corpos masculinos negros, a partir de temas como estigmatização e objetificação, afeto, paternidade e ancestralidade, além de trazerem uma renovação para o conjunto de produções de contos de autoria feminina no Brasil.

**Palavras-chave:** Literatura negra de autoria feminina. Contos. Cristiane Sobral. Masculinidades negras.

**Abstract:** Recently, black women's literature has gained social prominence and proved to be a reference to question white, patriarchal and LGBTQIphobic supremacy structures both in the literary field, through different themes, perspectives and styles, and in society as a whole. Among the several issues that can be highlighted in these writings is the construction of black masculinities. In this article, we analyze two short stories by Cristiane Sobral published in her book *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção* (2011): “Afrodisíaco” and “Memórias”. Our objective is to verify how they contribute to counter-hegemonic debates by destabilizing stereotyped views about black male bodies, from themes such as stigmatization and objectification, affection, paternity and ancestry. In addition, they bring a renewal to the set of short story productions written by female authors in Brazil.

**Keywords:** Black women's literature. Short stories. Cristiane Sobral. Black masculinities.

**Resumen:** En los últimos tiempos, la literatura negra escrita por mujeres ha ganado protagonismo social y ha demostrado ser un referente a la hora de cuestionar las estructuras hegemónicas, blancas, patriarcales y LGBTQIfóbicas, sea tanto en el ámbito literario, por medio de diferentes temáticas, perspectivas y estilos, sea en la sociedad en su conjunto. Entre los diversos temas que se evidencian en estos escritos se encuentra la construcción de masculinidades negras. En este artículo analizamos dos cuentos de Cristiane Sobral publicados en la obra *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção* (2011): “Afrodisíaco” y “Memórias”. Planteamos como objetivo verificar cómo estos cuentos contribuyen a los debates contrahegemónicos desestabilizando visiones estereotipadas sobre los cuerpos masculinos negros, desde temas como la estigmatización y la cosificación, el



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<sup>2</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

afecto, la paternidad y la ascendencia, además de traer una renovación al conjunto de producciones de cuentos escrito por mujeres en Brasil.

**Palabras clave:** Literatura negra escrita por mujeres. Cuentos. Cristiane Sobral. Masculinidades negras.

## Introdução

A instituição denominada literatura é historicamente marcada por mecanismos de poder que determinam quem pode escrever, quem pode publicar, quem deve ser lido e quem deve fazer parte do cânone. Ou seja, há parâmetros de seleção que envolvem diferentes etapas da produção literária: desde a sua concepção, passando pela sua edição, publicação e promoção, até sua disponibilização para o público leitor. Nesse sistema cultural, formado não só por escritores, mas também por outros agentes como editores, críticos literários, jornalistas e acadêmicos, existem critérios pré-estabelecidos para a definição do que pode ser considerado literatura e, posteriormente, para a escolha de textos e autores que serão valorizados, em detrimento daqueles que serão deixados à margem. Diante disso, no contexto da literatura brasileira, prevalece uma certa homogeneidade, composta por uma hegemonia branca, patriarcal e com heranças colonialistas, principalmente no que diz respeito ao grande mercado editorial. Basta observarmos quais são, em geral, os escritores considerados "clássicos", as temáticas sobre as quais eles escrevem e como são construídos os personagens de seus livros.

A pesquisadora Regina Dalcastagnè (2012) confirma essa constatação por meio da elaboração de um mapeamento do romance brasileiro entre 1990 e 2004, considerando obras publicadas pelas editoras Companhia das Letras, Rocco e Record. A análise de um *corpus* formado por 258 romances conduziu a resultados como estes: o perfil do escritor brasileiro é "homem branco, aproximando-se ou já entrando na meia idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo" (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 162); em relação a gênero, os personagens são majoritariamente masculinos e, no caso de personagens femininas, elas "tendem a ocupar menos a posição de pro-

tagonistas e narradoras" (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 164); no que diz respeito a questões étnico-raciais, os personagens são predominantemente brancos, ao passo que "os negros são 7,9% das personagens, mas apenas 5,8% dos protagonistas e 2,7% dos narradores" (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 175). Soma-se a esse último ponto o fato de que os personagens masculinos negros são geralmente retratados na literatura brasileira dominante por meio de estereótipos como "escravo nobre", "negro vítima", "negro infantilizado" e "negro pervertido" (PROENÇA FILHO, 2004).

Paralelamente a esse cenário de ausências e sub-representações, que não se restringe à produção de romances, sempre existiram movimentos de resistência a tais paradigmas sociais, raciais e de gênero para que outras vozes-discursos obtivessem seu espaço no campo da literatura brasileira. De acordo com Helena Parente Cunha (2004), "hoje, pode-se ouvir um sem-número de vozes, dos mais variados timbres, modulações e sotaques, mas esse lugar, conquistado no grito, constitui vitória sobre as hierarquias do antigo sistema" (CUNHA, 2004, p. 19). Entre essas vozes diversas, encontram-se as de autoras e autores negros, cujas escritas literárias, abrangendo uma variada gama de gêneros como romance, poesia e conto, vêm sendo produzidas desde o século XIX.

Um importante marco nesse contexto ocorreu em 1978, com a publicação dos *Cadernos Negros*: uma série anual de textos literários, financiada pelos seus próprios escritores e organizada, a partir de 1982, pelo grupo Quilombhoje, de São Paulo. Segundo o prefácio da primeira edição, "*Cadernos Negros* marca passos decisivos para nossa valorização e resulta de nossa vigilância contra as ideias que nos confundem, enfraquecem e nos sufocam" (QUILOMBHOJE, 1978, p. 8). A publicação, que se iniciou em 1978 e permanece até os dias atuais, conta com 43 volumes já lançados, alternando antologias de poemas e de contos. Ao romperem o silenciamento imposto pela sociedade, transgredirem bloqueios editoriais e contribuírem para uma mudança no *status quo* da literatura brasileira ao abarcarem escritores de diferentes regiões do país e atingirem

um público leitor cada vez mais abrangente, os *Cadernos Negros* assumiram um papel relevante na divulgação da literatura negra.

Mas o que seria "literatura negra", também chamada no Brasil de "literatura afro-brasileira", "literatura negro-brasileira", entre outros termos? Trata-se de um campo controverso, tendo em vista os diferentes ângulos sob os quais é considerado. De um lado, há intelectuais que se contrapõem à existência dessa vertente, alegando que a literatura brasileira é uma só e que todos nós temos, até certo ponto, uma herança africana. Com isso, não haveria justificativa para especificar determinadas produções literárias utilizando-se critérios étnicos. Tal argumentação, cujo discurso se aproxima daquele que, historicamente, foi denominado "mito da democracia racial", acaba gerando um desconhecimento por parte do público em geral de uma literatura engajada na luta pela visibilidade dos sujeitos negros e pelo combate ao racismo. Por outro lado, principalmente a partir da década de 1980, passou a haver um reconhecimento desse campo literário na academia, mesmo que com visões distintas sobre suas definições.

De acordo com Benedita Gouveia Damasceno (1988), em se tratando de literatura negra, a cor do autor é um aspecto irrelevante. Zilá Bernd (1988) compartilha da mesma opinião de Damasceno ao afirmar que "o conceito de literatura negra não se atrela nem à cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciativo que se quer negro" (BERND, 1988, p. 2). Mais recentemente, os estudos teóricos sobre a literatura negra no Brasil se ampliaram e as pesquisas de intelectuais como Eduardo de Assis Duarte e Cuti tornaram-se importantes referências. Duarte (2010) utiliza o termo "literatura afro-brasileira", definindo esse campo através dos seguintes elementos: a) temática: o sujeito negro é o assunto principal; b) autoria: o autor é afrodescendente, considerando-se o processo de miscigenação predominante em nosso país; c) ponto de vista: há uma perspectiva que dialoga com a história

e cultura negras no Brasil; d) linguagem: novos ritmos e significados são criados com base em uma herança africana; e) público-alvo: o leitor idealizado é afrodescendente. Segundo Duarte, esses aspectos devem ser considerados em conjunto, e não isoladamente, como o fez Benedita Damasceno (1988), por exemplo. Cuti (2010), por sua vez, denomina o conjunto de escritas de autoras e autores que se dizem negros em seus próprios textos de "literatura negro-brasileira":

A palavra "negro" nos remete à reivindicação diante da existência do racismo, ao passo que a expressão "afro-brasileiro" lança-nos, em sua semântica, ao continente africano, com suas mais de 54 nações, dentre as quais nem todas são de maioria de pele escura, nem tampouco estão ligadas à ascendência negro-brasileira (CUTI, 2010, p. 40).

Independentemente da nomenclatura escolhida, a literatura negra existe e, em grande parte, sua divulgação é resultado de um esforço coletivo, tal como ocorreu com os *Cadernos Negros*, que possibilitaram que várias escritoras iniciassem suas carreiras e tivessem a oportunidade de ter seus textos publicados.

Especificamente no que diz respeito à literatura negra de autoria feminina e à escrita de contos, além dos *Cadernos Negros*, outras antologias como *Women righting: Afro-Brazilian women's short fiction* (2005), edição bilingue em português e inglês organizada por Miriam Alves e Maria Helena Lima, e *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira* (2017), organizada por Vagner Amaro, podem ser destacadas. Além disso, as vozes de escritoras negras têm sido projetadas a partir de suas próprias obras individuais de contos. É o caso, por exemplo, de *Malungos e milongas* (1988), de Esmeralda Ribeiro; *Mulher mat(r)iz* (2011), de Miriam Alves; *Só as mulheres sangram* (2011), de Lia Vieira; *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014) e *Histórias de leves enganos e parencas* (2017), de Conceição Evaristo; *O homem azul do deserto* (2018) e *Um Exu em Nova York* (2018), de Cidinha da Silva. Cabe ressaltar que esses livros foram publicados por editoras de pequeno porte dedicadas à literatura negra,

tais como Nandyala e Malê. Essas editoras têm contribuído de forma significativa para a divulgação da produção literária de autoras negras e a renovação do campo de literatura brasileira a partir de diferentes temáticas, estilos e estéticas.

A literatura negra de autoria feminina é permeada por um lugar social específico ocupado pela mulher negra, sujeita a uma tripla opressão: do homem branco, do homem negro e da mulher branca. Trata-se, portanto, de uma perspectiva que concede à autora negra um olhar singular sobre a sociedade e os indivíduos que a compõe, o qual resulta em uma escrita que, por si só, é contra-hegemônica, antipatriarcal e que pode se propor anticolonial. Considerando esse cenário, no presente artigo, abordamos a escrita de Cristiane Sobral. Nosso objetivo é verificar a construção de personagens masculinos negros em sua coletânea de contos *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção* (2011). Para tanto, trazemos uma discussão sobre masculinidades negras e, em seguida, propomos uma análise dos contos "Afrodisíaco" e "Memórias".

### "Nego, neguinho e negão": homens negros e sua representatividade social no contexto brasileiro

*"Do que adianta eu ser durão e o coração ser vulnerável?"*

(Racionais MC's)

Abrimos esta seção do artigo com o trecho da música "Jesus chorou", do grupo de rap brasileiro Racionais MC's, lançada no álbum *Nada como um dia após o outro dia* (2002) – o quinto álbum de estúdio do grupo. Pensar sobre masculinidades negras requer que nos perguntemos: o que se espera de um homem negro na sociedade brasileira? Quando analisamos a categoria "masculinidades negras" precisamos levar em consideração que todo o contexto sócio-histórico ao qual a população negra (homens e mulheres)

foi submetida no Brasil contribuiu para que, no campo social, cultural, econômico, psicológico, afetivo, dentre tantos outros, se desenvolvesse uma hierarquização e inferiorização em oposição ao modelo padrão-hegemônico-branco. Nesse sentido, historicamente pessoas negras estão submetidas a uma relação de desvantagem em relação a pessoas brancas por conta do racismo estrutural (ALMEIDA, 2018). Dessa forma, o racismo é um dispositivo determinante para a construção de masculinidades, já que, se fizermos um recorte interseccional, os dramas de homens negros e brancos são diferentes, pois a ideia de masculinidade ainda é atrelada simbolicamente à imagem do homem branco, ocidental, hétero, cristão, urbano e de classe média.

Um exemplo bem nítido dessa diferença está relacionado ao que o filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) chama de Necropolítica.<sup>3</sup> O Atlas da Violência de 2019 confirma que jovens negros morrem cada vez mais, enquanto jovens brancos morrem cada vez menos. Nos grandes centros periféricos do Brasil repete-se a lógica da escravidão e do pós-abolição em relação à população negra: fome, falta de acesso a saúde de qualidade, políticas de violência, narcotráfico, falta de saneamento básico e inúmeros problemas sociais, locais e, sobretudo, histórico-geracionais. Boa parte das populações que ocupam os morros, favelas e periferias são remanescentes do período pós-abolicionista. Populações negras sempre foram submetidas à violência dentro desses espaços, seja na senzala, no quilombo ou no morro.

Abrir esta seção utilizando uma canção do Racionais MCs se deve ao fato de que Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay são quatro homens negros que, no final do século XX, se posicionam através do rap mostrando os problemas sociais que atingem a vida da população negra, mas que também influenciam na construção e definição de perspectivas de mundo às quais homens e mulheres estão suscetíveis. Os Racionais MC's, com sua proposta evangélica marginal, sempre

<sup>3</sup> Necropolítica é um conceito desenvolvido pelo historiador camaronês Achille Mbembe (2003, 2019), segundo o qual Estado decide politicamente quem deve viver e quem deve morrer na sociedade, fazendo uma correlação com o racismo como uma das práticas de aplicação de tal violência.

trazem temas que também relacionam a fé cristã do povo da periferia com questões que envolvem seu cotidiano caótico. O professor e pesquisador Acauam Oliveira define o grupo como "um dos mais importantes fenômenos culturais da história do país" (OLIVEIRA, 2018, p. 20).

Em um certo trecho da música "Jesus chorou", há uma transcrição muito particular sobre a representatividade negra de um homem no contexto social brasileiro: "Inimigo invisível, Judas incolor/Perseguido eu já nasci, demorou." (RACIONAIS MC's, 2002). Os elementos contidos nesse trecho da música nos levam a refletir sobre a invisibilização do homem negro. Uma invisibilização não de seu corpo, mas de sua totalidade enquanto ser humano, pois a visibilidade dada aos negros está intimamente atrelada à sua dimensão corporal, o que leva a produções discursivas reducionistas sobre esses sujeitos ora vistos como corpos que podem ser explorados para o trabalho, ora vistos como objetos sexuais para satisfazer os desejos de outrem.

Historicamente, no Brasil, os dispositivos de dominação fizeram com que homens negros fossem – e continuem sendo – invisibilizados, tendo sua masculinidade adestrada tanto no período da escravidão, quanto no período pós-abolição, através da disseminação de ideias de hierarquização e categorização das raças. Uma masculinidade invisível, mas que, ao mesmo tempo, será vista como "o Outro" a ser eliminado, já que não apresenta condições que possam atender às expectativas do patriarcado branco-supremacista-capitalista, como aponta Charles Mills (1997): "Vivemos em um mundo que foi moldado fundamentalmente nos últimos quinhentos anos pelas realidades da dominação europeia e pela consolidação gradual da supremacia branca global" (MILLS, 1997, p. 20, tradução nossa).<sup>4</sup> Tal pensamento dialoga com esta visão de bell hooks (2019):

Existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apoiam e mantêm a opressão, a exploração e a domina-

ção de todas as pessoas negras em diversos aspectos (HOOKS, 2019, p. 33).

Esse projeto de dominação, em que os sujeitos negros são vistos como inimigos a serem exterminados em relação a seus corpos e sua humanidade, serve ao propósito do racismo estrutural em uma sociedade que vende a ideia de democracia racial e meritocracia (CARVALHES; SILVA; LIMA, 2020).

Nesse formato, temos uma figura de homem que será visto como elemento a ser perseguido: suspeito, violento, incapaz de ser vulnerável ou sensível, definido por sua classe, mas, sobretudo, pela cor de sua pele, já que é um corpo submetido à brutalização e à violência. Os estereótipos em relação ao homem negro na sociedade brasileira não são poucos se pensarmos que sua imagem é representada através do prisma racial. Logo, sua representação como "bandido", "mendigo", "estuprador" serão utilizados como forma de inferiorizar constantemente sua imagem. Além disso, é preciso também ter um olhar atento para os estereótipos ligados ao elogio "positivo" ("Preto tipo A", "Negão"), pois muitas vezes são uma forma aleatória, inferiorizante e velada de atribuir ao negro uma qualidade ligada à emasculação. Segundo o sociólogo Davidson Faustino Mendes (2014), "o elogio ao (descomunal, excessivo e animalizado) pênis e/ou desempenho sexual do negro muitas vezes esconde justamente a impossibilidade de reconhecer sua humanidade em outras instâncias da vida" (MENDES, 2014, p. 85).

Com o crescimento urbano desordenado e a ocupação dos morros sendo constante nas grandes cidades brasileiras a partir do século XX, será no espaço das ruas – em praças, becos, vielas e encruzilhadas – que mais comumente se encontrarão os corpos negros e, nesses lugares, é que encontraremos narrativas de masculinidades, seja no samba, no *rap* ou na literatura. Olhando especificamente para o *rap* nacional através do prisma das masculinidades negras, o pesquisador Waldemir Rosa (2020) constata:

<sup>4</sup> Do original: we live in a world which has been foundationally shaped for the past five hundred years by the realities of European domination and the gradual consolidation of global white supremacy.

A ausência da figura masculina na história de vida das personagens masculinas é um fato corriqueiro. As famílias são descritas basicamente como compostas por mulheres e crianças. As letras de cunho autobiográfico indicam a ausência de referências masculinas na vida dos *rappers* (ROSA, 2000, p. 64).

Nesse sentido, alguns fatores podem nos ajudar a compreender a problemática no campo das masculinidades negras em relação à ausência de referência masculina, como são os recorrentes casos de violência urbana e perseguição ao corpo do homem negro, explicitado em fragmentos como a composição de Mano Brown já citada. Para além do campo cultural, diversas pesquisas vêm reafirmando o genocídio da juventude negra no Brasil (NASCIMENTO, 1978). Fato é que as análises sobre os porquês dessa problemática não se esgotam, já que surgem cada vez mais pesquisadores interessados em entender o que aconteceu com o homem negro após a abolição da escravidão e quais seriam as possíveis consequências desse processo nos dias de hoje.

As pesquisas sobre masculinidades negras vêm avançando no país, ainda que seja um campo de estudos recente. Um exemplo disso é o dossiê temático "Os homens negros no Brasil: questões e perspectivas sobre as relações entre raça e gênero masculino", publicado pela *Revista da ABPN* em 2019, organizado por homens negros pesquisadores:

Pelo menos nos últimos vinte anos, temos visto a produção crescente de artigos, ensaios, livros e dossiês com trabalhos sobre homens negros e masculinidades, em grande parte, escritos e elaborados por homens negros. [...] Neste período, a produção intelectual sobre homens negros e masculinidades divulgada em trabalhos escritos ou em discussões e apresentações públicas realizadas por Osmundo Pinho, Rolf Malungo e Alex Ratts e, mais recentemente, na produção feita por Deivison Faustino, Alan Ribeiro, Waldemir Rosa e Henrique Restier (MALUNGO; RIBEIRO; SOUZA, 2019, p. 4).

Desse modo, é importante observar nos diversos e múltiplos contextos da nossa sociedade, tais como a mídia e a literatura, como se apresenta a figura do homem negro, visto que há suficiente arcabouço teórico e metodológico para que se problematize o que se espera de um homem negro na sociedade brasileira e quais expectativas

são geradas a partir disso. Voltando à epígrafe que abre esta seção, redefinir a masculinidade imposta pelo patriarcado passa por um olhar que quebre a constante lógica de dureza emocional imposta aos homens, principalmente na temática do choro masculino. Se até Jesus chorou, não pode um homem negro chorar? A lógica da masculinidade hegemônica para os homens negros pode ser ameaçadora.

As discussões sobre o endurecimento emocional masculino e a problemática da violência sistêmica projetada socio-historicamente aos homens negros vem sendo discutida de acordo com uma abertura no campo do feminismo, que permite considerar o racismo como um atravessador de vivências tanto de homens, quanto de mulheres, na construção de suas identidades. Algumas autoras feministas estadunidenses já trabalham com a percepção de masculinidades negras há algum tempo. É o caso, por exemplo, de bell hooks, em *Olhares negros: raça e representação* (2019) e Angela Davis, em *Mulheres, raça e classe* (2016), que teorizam sobre experiências negras em um contexto particular, relacionando o racismo e o sexismo ao lugar destinado a homens negros no mundo patriarcal. No Brasil, essa questão das masculinidades também vem sendo ampliada através do movimento de mulheres negras que sinalizam a estigmatização da mulher negra, bem como a subalternidade do homem negro. Algumas autoras como Sueli Carneiro, Marília Pinto de Carvalho, Ana Claudia Lemos Pacheco, Mônica Francisco, Mônica Conrado, entre outras, vêm pensando e refletindo em suas pesquisas sobre os lugares de mulheres, mas também de homens negros na sociedade brasileira.

Para além do campo acadêmico, intelectuais negras do campo literário têm contribuído significativamente com o debate sobre masculinidades negras a partir da criação de narrativas que tematizam os dramas e as vivências de personagens masculinos negros, mas de maneira humanizada. Conceição Evaristo, Miriam Alves e Cristiane Sobral são exemplos de escritoras negras que têm questionado em suas obras a subalternidade historicamente imposta a corpos negros. Para Sobral,

O corpo negro surge como uma criação do colonizador, é um corpo desumano, desprovido de alma. [...] A cultura patrimonial brasileira decreta que negros não têm a posse dos seus corpos, podem ser violentados, explorados, subalternizados. As relações sociais e a visão que o homem e a mulher negra têm de si mesmo nascem contaminadas por essa genética social (SOBRAL, 2017a apud FREDERICO; MOLLO; DUTRA, 2017, p. 256).

A partir dessa constatação, de que a lógica do racismo estrutural coisifica corpos negros, como forma de resistência renovam-se as estratégias que buscam repensar as subjetividades negras, entendidas como múltiplas e permitindo ao sujeito negro extrapolar a dimensão coletiva e reconhecer-se em sua individualidade. Na seção seguinte, trataremos da temática de masculinidades negras em dois contos de Cristiane Sobral que, ao dar vida a seus personagens, põe em evidência não apenas seus corpos, mas também as vivências e contradições que os atravessam cotidianamente na sociedade brasileira.

### Refletindo e reflexionando masculinidades negras nos espelhos de Cristiane Sobral

Cristiane Sobral é carioca e suburbana, nascida no bairro Coqueiros, Zona Oeste do Rio de Janeiro, no ano de 1974. Desde muito jovem, tem se envolvido com as artes e, segundo a própria autora, seu sonho sempre foi viver do teatro e da literatura (XAVIER, 2017). Aos quinze anos, já fazia formação em teatro pelo Serviço Social do Comércio – SESC –, que culminou no espetáculo *Cenas do cotidiano*. Aos dezesseis, muda-se para Brasília, onde vive até os dias atuais, para cursar o ensino superior e se torna a primeira estudante negra formada em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília no ano de 1998 (FERREIRA, 2020). Teve atuações destacadas e premiadas em suas empreitadas teatrais tanto na idealização, quanto protagonizando os espetáculos que concebeu: é o caso de *Uma boneca no lixo* que, em 1999, recebeu do governo do Distrito Federal o prêmio GDF por sua montagem. Também é o caso de *Dra. Sida* que, no ano 2000, foi premiado pelo Ministério da Saúde e no I, II e III Ciclo de Dramaturgia Negra.

Assim como no teatro, ao adentrar o universo literário, Sobral mantém seu envolvimento com as causas sociais. Respondendo a uma questão sobre a literatura produzida ela, Sobral destaca as temáticas sobre as quais interessa-lhe escrever:

O jeito de ser e de viver da população negra. As tradições, o homem, a mulher, a infância, sua subjetividade, a sexualidade, o erotismo, a relação com as religiões de matriz africana e afro-brasileiras, as identidades de gênero, a maternidade, os paradoxos sociais, as possibilidades de ruptura dos moldes estabelecidos, a afetividade e o corpo negro (SOBRAL, 2017 apud FREDERICO; MOLLO; DUTRA, 2017, p. 255).

Nesse sentido, suas primeiras publicações na literatura se dão nos anos 2000, nos *Cadernos Negros*, a partir do volume 23 (FERREIRA, 2020). Sobral passou mais de dez anos com seu primeiro livro pronto sem conseguir publicá-lo. Somente após vencer um concurso organizado pelo grupo Oi poemas, teve condições de publicar seu primeiro livro, *Não vou mais lavar os pratos* (SOBRAL, 2010). *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção* (SOBRAL, 2011) – obra da qual extraímos os contos dos quais tratamos neste artigo – é seu segundo livro publicado, sendo sua primeira coletânea de contos. O *site* Literafro (2020) o descreve como uma obra composta por "narrativas curtas voltadas para os dramas cotidianos da juventude negra e periférica". Além disso, segundo Marcos Fabrício Lopes da Silva, no prefácio do livro, Sobral "constrói enredos inventivos que abalam imagens muitas vezes cristalizadas" (SILVA, 2011 apud SOBRAL, 2011).

A obra contém 21 contos e é dividida em três seções: "Sete espelhos", "Sete miradouros (para a reflexão)" e "Sete dialéticas da percepção". Seguindo os títulos do livro e de suas seções, as narrativas, os cenários e os personagens, carregados de múltiplas perspectivas, apontam para diferentes processos de (des)construção de identidades a partir de uma reflexão dos indivíduos consigo mesmos e/ou em diálogo com outras subjetividades. Os contos escolhidos para traçarmos nossa análise são "Memórias" e "Afrodisíaco". Nossa decisão por esses contos se deu, principalmente, porque ambos, sob

diferentes aspectos, põem em xeque a forma como as masculinidades negras são construídas hegemonicamente em nossa sociedade.

Em "Afrodisíaco", acompanhamos pela voz de um/a narrador/a em 3ª pessoa a história de Celeste – uma mulher, branca, de meia idade, entediada com a vida que leva – e que encontra nos classificados um anúncio de um garoto de programa, o Afrodisíaco, cujo nome – Augusto – só é conhecido em circunstâncias muito particulares das quais trataremos a seguir. Tendo sua crítica central na objetificação do corpo masculino negro, inicialmente Sobral recorre constantemente a duas diferentes analogias para o termo "afrodisíaco" que, quase sempre, se sobrepõem: a mística e a medicina. Sentindo-se renovada pela relação sexual estabelecida com Augusto, Celeste atribui ao garoto de programa "poderes mágicos" (SOBRAL, 2011, p. 109) que ela e suas amigas podiam "sugar" (SOBRAL, 2011, p. 109) através do sexo. Esses mesmos poderes mágicos atribuídos a Afrodisíaco são descritos como uma espécie de tratamento medicinal e, não raro, a autora utiliza o vocabulário médico ao longo do conto: Augusto é "medicação indicada" (SOBRAL, 2011, p. 108) para a "paciente" (SOBRAL, 2011, p. 108) Cecília que, todas as manhãs, após fazer sua meditação, "lá ia *tomar* seu afrodisíaco. Às vezes até repetia uma segunda *dose*." (SOBRAL, 2011, p. 109, grifo nosso).

Assim como no já referido trabalho de Mendes (2014), por baixo do suposto elogio à potência sexual e dos "poderes mágicos" de Afrodisíaco, que reforçam estereótipos como o de que "os negros são tão fortes, não envelhecem, aguentam tudo!" (SOBRAL, 2011, p. 109), esconde-se um processo de desumanização, de negação da subjetividade de Augusto, homem negro estigmatizado por Celeste e suas amigas que, no ápice do processo de dominação/exploração desse corpo, propõem um "contrato de exclusividade *sem alforria*" (SOBRAL, 2011, p. 110, grifo nosso). O jogo de palavras utilizado por Sobral, implícito na escolha do termo "alforria", evidencia bem a que tipo de relação esse contrato se propõe e abre espaço para um debate atualizado sobre o legado de exploração dos corpos negros, advindo do sistema escravocrata que permeia a história de

nossa formação nacional. Somente ao estabelecer essa relação contratual é que Afrodisíaco, por razões meramente formais, passa a ser Augusto, não um sujeito complexo, mas um nome em um documento e uma assinatura. Ainda traçando relações entre o presente racista e o passado escravista, o/a narrador/a do conto detalha a situação da assinatura do contrato:

Augusto assinou meio a contragosto, aquela estranha documentação. Mas estava feito. Não tinha do que reclamar. Atingira o ápice da pirâmide social vendendo a alma no país da democracia racial. Seu produto tinha peso de ouro, ainda que estivesse sendo vendido em mercado restrito, negro, recheado de mistérios e de invisibilidade (SOBRAL, 2011, p. 110).

Esse trecho evidencia um debate importante para a questão das masculinidades negras: dentro da perspectiva de masculinidade hegemônica possível a Afrodisíaco, em um país construído sobre bases racistas e a partir de uma lógica capitalista, o garoto de programa havia alcançado o que nessas condições seria considerado sucesso. A assinatura do contrato garantiria que, em troca dos seus dotes poderosos e mágicos, suas proprietárias lhe dariam o suporte necessário: "o fato é que uma pagaria o imóvel, outra o automóvel, a terceira as despesas do mês, incluindo plano de saúde e a quarta financeira os estudos e algo mais" (SOBRAL, 2011, p. 110).

É o final do conto, porém, quando se quebra a expectativa sobre o suposto sucesso alcançado por Augusto, que mais apresenta um cenário de subversão ao modelo de masculinidade hegemônica. Celeste chega ao *flat* alugado especialmente para que as amigas – e agora sócias-proprietárias de Augusto – não passassem um dia sequer sem seus "remédios" e encontra o garoto de programa morto. Suicídio. O diagnóstico aparece nos noticiários dias depois: "overdose de viagra" (SOBRAL, 2011, p. 111). No local da tragédia, Augusto deixou um bilhete: "você não soube me amar" (SOBRAL, 2011, p. 111). Essa mensagem, deixada por um personagem masculino negro, nos convida a uma reflexão: não se trata apenas de um corpo objetificado e explorado, mas sim de um ser humano que esperava ser estimado e amado.

Na contramão de "Afrodisíaco", Sobral nos apresenta o conto "Memórias". Ainda considerando-se a contribuição da autora em apresentar em seus contos personagens complexos e vivências que humanizem seus protagonistas retintos, "Memórias", narrado em primeira pessoa, aborda a temática da família e, em especial, da paternidade masculina negra. Se os estudos de Rosa (2000) apontam para a ausência de figuras masculinas no *rap*, como mencionamos anteriormente, neste conto Sobral dá enfoque especial para a relação do personagem principal com seu pai.

Ao revisitar suas memórias, o protagonista, um homem negro, relembra um acontecimento que poderia ser considerado trivial de sua infância: o dia em que passou mal na escola e, em decorrência disso, passou a segunda-feira com seu pai lhe cuidando em casa. Ainda que as passagens descritas no conto apontem que os personagens não tinham uma vida abastada - eram mãe, pai e nove filhos, sendo o protagonista o caçula dos homens -, o enredo confronta aqueles que - tradicionalmente associados a personagens negros/as - contam histórias de dor, morte e sofrimento.

Para ilustrar esse cenário, o conto apresenta narrativas positivadas sobre personagens negras, como Tia Olga, "cujas mãos fabricavam a melhor comida do mundo" (SOBRAL, 2011, p. 55) e que "sempre usava tranças corridas esculpidas em seus belíssimos cabelos crespos" (SOBRAL, 2011, p. 55) e, principalmente, o "inenarrável paizão" (SOBRAL, 2011, p. 57) de nosso protagonista, cujo colo era considerado o lugar "mais precioso do universo" (SOBRAL, 2011, p. 57). A centralidade da paternidade negra na história, que começa com as lembranças do personagem-narrador em relação a seu pai, se estende e se mostra como um espelho para a sua própria paternidade, já que este acaba de ter seu primeiro filho. Ao abordar as lembranças de um menino negro inteligente, com uma família estável e pai presente e carinhoso, a narrativa contradiz as representações hegemônicas de infâncias e juventudes negras. A ancestralidade e as relações amorosas no interior das famílias também são ideias presentes ao longo do conto: "os nossos velhos não morrem na amnésia dos asilos

luxuosos" (SOBRAL, 2011, p. 58). As memórias do protagonista passeiam entre o pai e a vovó Lina, de quem ele herdou a cama que servirá de pouso para Luther, seu filho recém-nascido.

Nesse conto, Cristiane Sobral nos apresenta a questão da paternidade como central e a ancestralidade através da memória como um caminho para a construção de laços afetivos entre famílias negras. Segundo o documento "A situação da paternidade no Brasil - tempo de agir (2019)", do Instituto Promundo (2019), pouco se fala sobre as chamadas paternidades plurais no Brasil:

Apenas tomando três exemplos, a população negra, as PcD e a população LGBTI, estamos falando, respectivamente, de 54,9% (pretos e pardos), 23,4% e 10% (estimado) da população total brasileira. Mesmo assim, pouco se fala sobre pais negros, sobre a pais de filhos/as com deficiência e sobre pais gays, bissexuais e trans (INSTITUTO PROMUNDO, 2019, p. 19).

No livro *Anseios: raça, gênero e políticas culturais* (2019), bell hooks chama a atenção para o seguinte ponto: "Ninguém realizou pesquisas mais longas com homens negros para descobrir se desejam ser pais de família. Os homens negros querem ser provedores? Existe algum espaço afirmativo para homens negros que queiram cuidar da casa e criar os filhos?" (HOOKS, 2019, p. 165-166). Dessa forma, a paternidade negra ainda é pouco discutida enquanto tema e dilema social. Se boa parte dos homens negros não acessarem a experiência da paternidade ou não tiverem referenciais positivos de paternidade em suas vidas, dificilmente construiremos famílias que façam a mesma experiência afetiva através da memória trazida por Cristiane Sobral em seu conto.

Também é interessante notar que a experiência da memória na infância tem um impacto muito grande. A lógica do racismo estrutural não só afeta a ascensão do negro na sociedade, como também opera dentro da sua constituição enquanto indivíduo, já que crescer sem pai ou com a pouca presença deste é um fator comum no Brasil. O desafio de falar sobre paternidades negras precisa ser rompido dentro dos círculos sociais de homens negros em suas diferentes jornadas cotidianas. Através de uma paternidade

presente, novas histórias poderão ser contadas e, para isso, referenciais positivos, como os presentes no conto "Memórias", são fundamentais na construção de uma trajetória em que a rotina da paternidade seja encarada com afetividade.

### Considerações finais

*"A literatura negra tem um tecido próprio, apresenta a nossa subjetividade, fala também de um sujeito construído no coletivo, resgata os valores da negritude brasileira, da sua própria cultura, dos meios de criação e reflexão sobre a experiência negra. Há um resgate positivo da nossa etnicidade, da nossa identidade, um ponto de vista diferente do apresentado nas versões dominantes."*

(Cristiane Sobral)

Diante de um cenário em que a literatura brasileira se apresenta, em geral, de maneira hegemonicamente branca e patriarcal, tanto em sua autoria, quanto em seus personagens, Cristiane Sobral, enquanto mulher negra, busca trazer, em sua escrita, "construções humanizadas – para além dos estereótipos do escravismo – e a complexidade dos sujeitos. O negro e a negra falam de si, não são apresentados como simulacros do branco" (SOBRAL, 2017 apud FREDERICO; MOLLO; DUTRA, 2017, p. 255). É o que ocorre, por exemplo, em sua coletânea de contos *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção* (2011), na qual a autora subverte imagens de corpos sexualizados e/ou criminosos, ao elaborar enredos em que personagens masculinos negros são estudiosos, carinhosos ou solitários, pais de família dedicados e homens em busca de amor verdadeiro.

Como discutimos ao longo deste artigo, os contos "Afrodisíaco" e "Memórias" ilustram como autoras negras contemporâneas como Cristiane Sobral têm contribuído com sua literatura para a produção de outras imagens a respeito dos sujeitos negros. Enquanto em "Afrodisíaco" Augusto é um personagem humanizado, com sentimentos, que não soube ser amado por suas "proprietárias", em "Memórias", o protagonista em primeira pessoa, ao se tornar pai pela primeira vez, mergulha em suas lembranças familiares afetivas, especial-

mente com relação ao carinho de seu próprio pai.

A criação de perspectivas outras – diferentes daquelas (re)produzidas pela literatura dominante – pode ser considerada com uma contribuição importante ao debate sobre masculinidades negras, uma vez que tira o homem negro do lugar a que séculos de escravidão lhe relegaram e apresenta a possibilidade de construir novos imaginários sobre estes corpos marginalizados. Nesse sentido, a escrita de Cristiane Sobral tem tido um papel relevante na renovação do gênero conto no Brasil, não apenas por suas temáticas, mas também por seus personagens, perspectivas de narração e estéticas literárias.

### Referências

ALMEIDA, Silvio L. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARVALHES, Flávia Fernandes de; SILVA, Rafael B.; LIMA, Alexandre B. Reflexões sobre discursos a respeito do racismo no Brasil: considerações de uma psicologia social crítica. *Revista Psicologia Política*, Porto Alegre, v. 20, n. 48, p. 311-324, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v20n48/v20n48a05.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2021.

CUNHA, Helena Parente. *Além do cânone: vozes femininas cariocas estreadas na poesia dos anos 90*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DAMASCENO, Benedita Gouveia. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 1988.

FAUSTINO, Deivison Mendes. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 75-104.

FERREIRA, Vera Lúcia da S. S. Cristiane Sobral. In: *Literafro*. [S. l.], 2020. Disponível em: [www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/203-cristiane-sobral](http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/203-cristiane-sobral). Acesso em: 6 fev. 2021.

SOBRAL, Cristiane. Quem não se afirma não existe. [Entrevista concedida a] Grazielle Frederico, Lúcia T. Mollo e Paula Q. Dutra. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, v. 1, n. 51, p. 254-258, ago. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_art-text&pid=S2316-40182017000200254&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S2316-40182017000200254&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 6 jan. 2021.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

INSTITUTO PROMUNDO. *A situação da paternidade no Brasil (2019)*: Tempo de agir. Rio de Janeiro: Instituto Promundo, 2019. Disponível em: [https://issuu.com/fmcsv/docs/a\\_situa\\_o\\_da\\_paternidade\\_no\\_brasil\\_-\\_tempo\\_de\\_agir](https://issuu.com/fmcsv/docs/a_situa_o_da_paternidade_no_brasil_-_tempo_de_agir). Acesso em: 15 fev. 2021.

JESUS chorou. Intérprete: Racionais MC's. Compositor: M. Brown. *In: NADA como um dia após outro dia*. São Paulo: Casa Nostra/Zambia, 2002. 2 CDs, Faixa 4 (7 min 52 seg.), CD 1.

MALUNGO, Rolf; RIBEIRO, Alan A.; SOUZA, Henrique Restier da Costa. Apresentação: Dossiê Temático Os homens negros no Brasil: questões e perspectivas sobre as relações entre raça e gênero masculino. *Revista da ABPN*, Goiânia, v. 11, n. 30, p. 4-7, nov. 2019. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/803/722>. Acesso em: 7 mar. 2021.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MILLS, Charles W. *The Racial Contract*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1997.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Prefácio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NOVA expressão da literatura negra, para Cristiane Sobral escrever é resistir. *In: Afropress*, 2013. Disponível em: <http://www.afropress.com/post.asp?id=14519>. Acesso em jan. 2021.

OLIVEIRA, Acauam S. O evangelho marginal dos Racionais MC's. *In: Racionais MC's: Sobrevivendo no Inferno*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PROENÇA FILHO, Domicio. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004.

QUILOMBHOJE (org.). *Cadernos Negros 1*. São Paulo: Edição dos autores, 1978.

ROSA, Waldemir. *Homem Preto do Gueto: um estudo sobre a masculinidade no Rap brasileiro*. 2006. 97 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, UnB, Brasília, 2006.

SILVA, Marcos Fabrício Lopes da. Apresentação. *In: SOBRAL, Cristiane. Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção*. Brasília: Dulcina, 2011. Livro não paginado.

SOBRAL, Cristiane. *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção*. Brasília: Dulcina, 2011.

SOBRAL, Cristiane. Entrevista. [Entrevista concedida a] Gláucia do Carmo Xavier. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, Belo Horizonte, v.13, n.17, p.112-121, jun. 2017. *GEALI*. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/14755>. Acesso em: 6 jan. 2021.

## Roberta da Silva Calixto dos Santos

Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutoranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

## Yago Jose Eloi do Nascimento

Especialista em Cultura Africana pela Faculdade Campos Elíseos (FCE), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Mestrando em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

## Luciana de Mesquita Silva

Doutora em Letras - Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; professora do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), em Petrópolis e no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

## Endereço para correspondência

Luciana de Mesquita Silva

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Rua do Imperador, 971

Centro, 25620-003

Petrópolis, RJ, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*